

ORGANIZADORES

ADAILSON COSTA



LIU MOREIRA

GRACA VELOSO

Universidade de Brasília
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - CEN/IDA

CARTAS DE MINH'ALMA

**Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa
dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira**



UnB

Brasília-DF

2025

© 2025 Jorge Das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Licença creative commons:



1ª edição

Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Complexo das Artes, Bloco A Sala A1

CEP: 70.910-900, Asa Norte, Brasília-DF, Brasil Contato: (61) 3107-6134

Site: www.ppgcen.unb.br

E-mail: secretariapgcen@unb.br

FICHA TÉCNICA

Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Revisão: Christina Velho

Projeto Gráfico e Diagramação: Djanine Denise de Miguel Silva

Editora: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Bordados e capa: Maria Oliveira Villar de Queiroz

Fotografias: Pardal

Finalização de capa: Djanine Denise de Miguel Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

C322 Cartas de minh'alma [recurso eletrônico] /
 organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson
 Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira
 Siqueira. – Brasília : Universidade de Brasília,
 Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas,
 2025.
 177 p. : il.

Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-88507-12-4.

1. Artes cênicas. 2. Cartas. I. Veloso, Jorge
das Graças (org.). II. Santos, Adailson Costa dos
(org.). III. Siqueira, Liubliana Silva Moreira
(org.).

CDU 792

memória afeto escuta diferença foco persistência
chegada despedida pertencer acalmar
trabalidade amor espaço tempo escreve
artistaagem teatro
ngição p
nto chega
estralidade amor
artistaagem pedagogia
rgia teatro dança circo criança
te memória afeto escuta diferença
ngição planetária cura pers
despedida pertencer
tempo

CARTAS DE MINH' ALMA

AMIGA LEITORA E AMIGO LEITOR

Gostaria de te convidar para um passeio. Um caminho que te levará para lugares bem pessoais de cada um dos autores deste livro. Nossa intenção aqui nunca foi fundar conceitos, problematizar teorias e inventar tratados. É tudo muito mais simples e acolhedor, como uma conversa entre amigos no fim da tarde com uma xícara de café. Aqui queremos dizer quem somos. Aqui você verá cicatrizes, feridas abertas, sucessos, dúvidas, angústias, incertezas. Aqui você entenderá nossos dois principais propósitos. O primeiro é aceitar como é delicado e gentil o exercício de se perceber no passado e compreender como sua pesquisa foi se desenvolvendo. Isso nos ajuda a respeitar nossos processos e sermos gentis com nossos avanços que muitas vezes não enxergamos. O segundo propósito é postular a respeito da importância de nos colocarmos enquanto potências afetivas em nossos trabalhos. Somos seres pensantes, mas somos também seres moventes, sofrentes, delirantes e delicados. Um salve à magia de reconhecer que estamos inteiros presentes em nossas pesquisas, no mais íntimo do que somos.

Então pegue algo para beber e sente-se com cada um de nós para conversar.

Um abraço.

Graça Veloso
Adailson Costa
Liubliana Moreira

SUMÁRIO

GRACA
VELOSO

8

ADAILSON
COSTA

20

LIUBLIANA
MOREIRA

34

52

ADA
LUANA

ADRIANA
LODI

64

76

BARBARA
BENATTI

DANILO
MOTA
LINO NILO

102

BELISTER
ROCHA

88

GABRIEL
GOELHO

130

DEBÓRA
VIEIRA

118

KLEBER
BUENO

142

LUCIANA
GRESTA

154

MARIA
VILLAR

168

*“Envergonhado,
escondido, chorei...”*

Graça

*“Você tem minha
admiração sabia?”*

Adailson

*“Na incerteza crie!
‘Pausa’”*

Liu

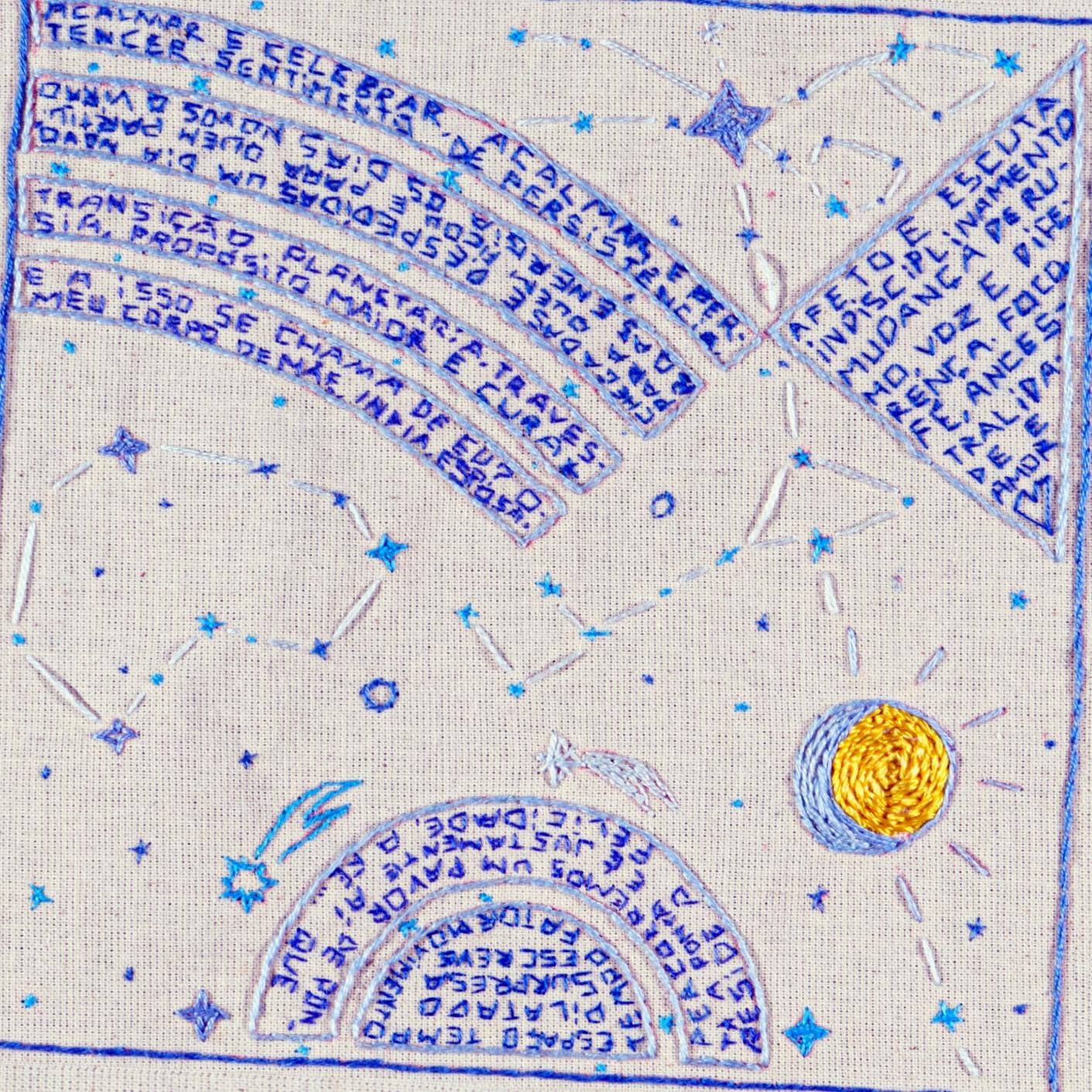
REALMAR E CELEBRAR
TENCER SENTIMENTOS

DE ALMAS E PER-
SISTENCIA
DESPEDIR E
SIA, PROPOSITO MAIOR E CURA

TRANSICAO PLANETARIA TRAVES
E A ISSO SE CHAMA DE EUPO-
MEU CORPO DE MAE, INFLUENCIA

ESCLUTA
DISCIPLINA
MUDANCA
VON ANEB
TRABALHO
TAR

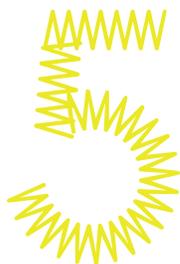
ESPAÇO TEMPO
DILATAO
CONTRAO
FORA DE
TEMPO
FORA DE
TEMPO
FORA DE
TEMPO



ADA LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA



Ada Luana é atriz, diretora teatral, dramaturgista e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Mestre em Estudos Teatrais pela Universidade Sorbonne Nouvelle Paris III e Bacharel em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília, Ada estreou profissionalmente no teatro em 2004, como diretora e atriz do espetáculo *A Mais Forte* - o nosso corte, uma livre adaptação do texto de August Strindberg, patrocinada pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC), obra que concorreu ao Prêmio SESC do Teatro Candango 2005 em Brasília. Atualmente Ada Luana dedica-se à circulação nacional e internacional de *A Moscou!* Um palimpsesto e prepara o projeto de um novo espetáculo, baseado no texto *A Gaiivota* de Anton Tchekhov, visando realizar assim uma trilogia em homenagem ao autor.



EI, COISINHA

Brasília, 07 de fevereiro de 2021

Ei, coisinha,

Ei, coisinha, não sei bem quantos dias se passaram mais desde a travessia do portal. Nem mesmo se já é possível escrever aquela frase de cartão ser mãe é... que você tentou no seu primeiro dia das mães.

Também não sei te dizer se as coisas vão ficar mais fáceis ou mais difíceis daqui pra frente (eu espero, ao menos, que elas fiquem mais vibrantes e cheias de amor, porque nem sempre as coisas mais fáceis são as mais belas).

Enfim, tudo que posso te dizer é que você vai achar o caminho. Quer dizer, eu gostaria de poder te dizer isso, de fato, e gostaria que você pudesse ouvir.

Mas sei que na realidade você vai precisar derramar toda essa água aí dentro. Descer, descer, descer e quando estiver lá embaixo não ter mais forças nem pra isso.

Derramar água.

Sei que vai precisar atravessar uns umbrais aí.

Uns umbrais que vão fazer você se detestar, se colocar no banco dos réus até se sentir uma impostora.

Em alguns dias você vai mesmo acreditar que é.

Você vai caminhar pela floresta escura e úmida. Vai sentir aquela névoa úmida que parece que faz curva e entra por baixo das roupas não importa o quanto você se agasalhe.

Você vai tremer.

Você vai olhar para os lados e vai se sentir só, vai lembrar daquele sonho.

Você arrumando as malas, com a sua mãe, para pegar um avião para uma terra desconhecida.

Você disse para ela:

Obrigada, mãe, você é a melhor companheira de viagens do mundo!

Mas essa viagem, eu preciso fazer sozinha.

Lá, no sonho, você sabia o que estava fazendo, era isso mesmo, embarcar sozinha para a terra das mães.

Mas era empolgante no sonho.

Na descida do avião, não é.

Dá medo e aflição, e tem hora que você precisa passar por cima de qualquer coisa. Qualquer sentimentalismo, qualquer bom senso, qualquer pensamento racional.

E tem hora que nem há pensamento, é só pulso.

Pulso, pulso, suor, pulso, sangue, pulso, pulso, lágrimas e pulso, pulso, leite, leite, leite, pulso, pulso.

Tudo que você quer é manter o pulso, né, coisinha? O movimento, a vida. Vida.

Manter a vida, guardar a vida, prevenir a vida, preservar a vida.

Você vai se cansar, coisinha, você vai se exaurir de preservar a vida.

Você vai se sentir feia, boba, velha, burra, vai tentar escrever, vai tentar dar espaço para as sinapses.

Vai ser estranho.

Você vai achar que perdeu tudo, perdeu a capacidade de ser lógica.

Vai parecer que alguém arrancou sua inteligência para que você focasse nela, sua bebê,

pra que você cumprisse o papel, o dever, o esperado.
Você vai tentar se agarrar às velhas paixões e elas não vão te encantar mais.
E você vai temer.
Você vai temer.
Ensaaios, apresentações, viagens, ensaios, projetos, ensaios, turnês.
Você vai perseguir tudo isso, vai se agarrar a tudo isso e ainda assim não vai achar o
caminho de volta.
Certo dia, a floresta vai estar tão densa que vai parecer blackout.
Você vai descer mais.
Vai descer mais.
Você nem pensava que era possível descer tanto, né, coisinha?
Mas vai descer, vai descer, vai se sentir como o Pessoa.
o poço fitando o céu
E nem mesmo o Pessoa vai conseguir te consolar.
Você vai andar pelas galerias da Pinacoteca, em São Paulo, e vai se sentir vazia.
Vai andar pelo MASP e vai se sentir estranha de si mesma.
Vai andar pelo MoMA também e ainda assim, não vai saber mais o que sente diante de
uma obra de arte.
Você vai dar de cara com o autorretrato da Paula Mondersohn-Becker e só aquele olhar
vai te tocar.
Olhar de grávida, a mão que nem se vê, mas que está protegendo a barriga.
Vai ler na legenda que ela morreu logo depois de dar à luz, e essa será a única obra do
MoMA inteiro que vai falar com você.
Você vai apresentar sua obra em Nova York e mesmo assim vai se sentir vazia e triste.

Você vai olhar para trás e não vai ver nada.

Cadê o rastro? Cadê as migalhas de pão que você deixou marcando a porra do caminho????

Os pássaros coisinha... os pássaros.

Mas se você sabia da moral da história, por que marcou o caminho com migalhas de pão?

Se sabia que João e Maria se perdem exatamente por conta disso, por quê, coisinha?

Eu sei que enquanto você está aí, vendo a imagem da Mater Dolorosa no meio da noite, tomando seus antibióticos para vencer essa mastite e morrendo de culpa (porque vai passar pelo leite), enquanto você sua e molha a cama de leite, enquanto você olha para sua bebê e só quer que ela fique protegida e a salvo desse mundo louco no qual você ousou dar-lhe casa, te parece certo e errado escrever este projeto de pesquisa para um doutorado.

Te parece certo como as migalhas guiando o caminho de volta para você, ao adentrar na floresta.

Te parece errado porque você poderia deixar para depois e dar-se tempo.

Tempo de estar só você e sua bebê na floresta. Entregue.

Mas você tem medo. Tem medo de não ser mais você.

E pensar em comparecer às aulas daqui a alguns meses, em ter uma turma, em ter afazeres, enfim, você pensa que isso tudo te ajudaria a achar o caminho de volta caso se perdesse...

Deixa eu te contar, coisinha,

Como vai ser bom se perder.

Como vai ser bom não achar o caminho de volta.

Não, não pragueje contra os pássaros, coisinha, você vai agradecer que eles tenham comido as migalhas.

É esse o caminho e sinto que ele não é de volta, ele é um novo caminho.

Mas eu sei que você não me escuta, aí deste lugar.

E às vezes parece cruel que eu tenha que te escrever essa carta, sabendo que você não
vai poder lê-la.

Mas também sei que eu não deveria te poupar das descidas, porque será delas que
nascerá a sua raiva.

E será desta raiva que nascerá o caminho.

Então, você vai agarrar a foice e vai abrir a mata virgem na floresta.

Você vai se cansar de correr atrás de migalhas e decidirá abrir um caminho novo.

Era um caminho que você queria, quando cansasse da gruta.

E você vai abri-lo.

Ao primeiro golpe da foice, você vai dar de cara com a Aline, uma terapeuta ayurvédica,
que vai te dizer que você não vai conseguir abrir caminho nenhum carregando esta
mochila cheia de pedras nas costas.

Abandonar carga. Vai, coisinha, abandona essa carga!

Mas você vai demorar até abandonar, você vai se agarrar ainda mais a ela, vai sofrer por
ela, vai ter raiva dela, vai culpá-la. Vai descer mais. E vai ter mais raiva.

Você vai ter raiva.

Deixa ela vir, coisinha, vai!

Atira esse celular na parede, se não der, atira o pote de hidratante, atira, sei lá, o que
tiver na mão.

Vai, quebra alguma coisa!

Você vai quebrar.

Você vai se quebrar.

Você vai romper.

Vai gritar.

Grita coisinha, aquele grito que você não deu.

O grito que não saiu do corpo anestesiado na hora da cesariana.

O grito contra todos aqueles que vão tentar dizer que você não vai conseguir escalar a montanha.

Que não vai conseguir escrever, que é insanidade se inscrever para esse doutorado agora, que você faz coisas demais ao mesmo tempo, que você materna o mundo!

Tá errado, coisinha. Tentar maternar o mundo.

E não é a sua Vênus em Câncer que vai provar o contrário.

Na verdade, ela vai te fazer descer mais, a porra da Vênus em Câncer.

E a sua mania de maternar o mundo vai dar nisso:

Quando eles forem para o Rooftop, para o Fatcat, quando te deixarem pra trás, você do outro lado da estação acenando um tchauzinho com um sorriso triste: eles Manhattan-Bound, você Brooklyn-Bound. Eles rumo ao bar balcão, ao Jack Daniels Honey, você de volta pra casa. Você bem que vai tentar levar a galera para o Greenwich Village, St. Market's place, lembra quando você foi ver o Richard Foreman na Igreja? Pois é, mas você já não é mais aquela garota tomando frozen margaritas no bar da esquina. E o máximo que você vai conseguir quando chegar lá e ver que já não é a mesma rua, que já não existe Jaffa Café, nem a sequência de sexy shops undergrounds, e que a sua bebê tá chorando e com frio, e que seu marido está preocupado porque já está tarde para estar na rua com ela, então, o máximo da noite vai ser comprar uma garrafa de Beaujolais muito cara na dely da esquina, e voltar pra casa resignada e triste. Daí você vai começar a se dar conta de que não é nada bonito, nada saudável, maternar o mundo.

Então, abandona, coisinha, larga essa merda dessa mochila de pedras na estação!

Deixa tudo pra trás!

Segue, você, a montanha, Helena, Diego e talvez a Teresa, segue vai...

Vai escala essa montanha!

Sobe essa merda, se esfolta toda, vai.

Se cansa, sua, medita, chora, corre, toma café, toma novalgina 1g, toma mais café. Toma um vinho de vez em quando também, faz acupuntura, mais novalgina 1g. Escorrega, né? E no meio da noite é frio demais, a paisagem é densa, você fica entregue ao poço de memórias inconscientes, vai ter umas visões na madrugada, e não, você não vai dormir por muitos longos meses. Daí, vai chegar uma pandemia, de um vírus filho da puta, difícil de lidar, de exterminar, muita gente vai morrer, coisinha... vai ser triste, assombroso, desesperador. Os governantes vão ser um fiasco, isso pra ser bacana, eles são uns merdas mesmo. Vão lidar com a coisa como se lida com gado. Quem viver, verá.

O gado vestido do curral de Deus, lembra coisinha? E do anjo armado, você lembra?

O anjo cuzquenho? Aquele que te olhava da moldura da sala, você aos nove meses de gravidez e ele te pedindo pra ir conquistar o mundo?

Claro que lembra, na verdade, ele está aí, pendurado na parede da sala.

Pois é, os anjos tinham que ter armas mesmo pra nos proteger de toda essa imbecilidade que está dominando nosso mundo.

Enfim, você vai continuar pensando sobre impermanência, interdependência, sobre equilíbrio, wabi sabi, kintsugi e tudo o mais.

Vai ficar lendo aquele livrinho de práticas zen budistas que vai acalmar mas também vai acelerar seu coração.

Você vai querer plantar, vai plantar, vai tentar fazer as coisas crescerem, mas é tanto cansaço que não vai ter tempo de molhar e as plantas vão morrer.

Você vai ficar trancada em casa, coisinha. E os dias vão parecer iguais por um tempo.

O medo vai ficar rondando, medo de ver gente, medo de topar com gente, medo da morte, medo do contágio.

Vamos seguir vivendo com o vírus, com as mortes, com as dores, com as sequelas do que vai se chamar distanciamento social.

Vamos andar por aí mascarados, é sério, coisinha! Não ria, não... e na bolsa a gente vai carregar vidrinhos de álcool gel, álcool líquido, lisofórmico e o escambau.

Estranho né, coisinha?

Tudo isso vai acontecer e eu não quero ser o Marty McFly falando com o doutor... Na verdade que alívio, que você não pode mesmo me ler daí.

O anjo está aqui ainda, embaixo da cama, esperando ver onde é que vamos pendurá-lo aqui na casa nova.

Sim coisinha, vamos mudar. Vamos mudar mais de uma vez.

Mas isso, ça va... você gosta.

Eu queria poder te dizer para olhar bem fundo nos olhos do anjo e tirar confiança, lembra do Thomas te passando energia boa pelas mãos? Te curando?

Eles estão aí, seus anjos, pare de ignorá-los.

Vai coisinha, me escuta, sabe o que você vai precisar fazer?

Fuçar os baús, as coleções. Vai precisar ler seus diários, os pessoais e os de bordo. Vai precisar olhar pro trabalho que você já fez, vai precisar voltar nas rixas antigas.

Daí você vai achar tudo ruim.

Irrelevante é a palavra que você vai usar.

Vai achar que tudo que você escreve, tudo que você fez no teatro não passa de white people problems.

Daí vai perder a confiança, vai se desesperar, vai achar que sua pesquisa é uma brincadeira de menina mimada e aí você vai lembrar do Greuze.

Que merda, né, coisinha... outra referência europeia... cadê a decolonialidade?

Mas enfim, vai lembrar da la cruche cassé.

A menina com o olhar perdido e complacente logo após ter sido violada.
Vai lembrar da violência daqueles dias em Paris, vai lembrar do seu vaso quebrado.
Vai lembrar do Cohen e da Matilde falando da rachadura em tudo e que é por lá que a
luz entra.

Você vai entender, coisinha, que é sobre isso, rachar, romper, deixar a luz entrar.
Vai entender, finalmente, porque está falando o tempo todo de maternidade, porque não
está conseguindo falar só de teatro.

Vai entender que é isso que o teatro sempre foi para você, a cola de ouro restaurando os
seus cacos.

Vai entender que é, na verdade, a escrita, sua escrita, a escrita e o teatro que te curaram
e te curam.

Vai ter que falar sobre cura, coisinha, foi mal. Você nunca pensou que seria sobre isso
essa pesquisa, né?

Mas vai, vai falar sobre rachas, nossas rachas, sobre dar à luz por entre craquelamentos
necessários e vai entender porque a raiva te fazia jogar coisas na parede.

A gente vai quebrar tudo, coisinha.

Vamos ter que quebrar.

O caminho está aí, aberto. E ele é uma subida.

Agora, levanta, coisinha.

Ei, coisinha, levanta a cabeça, enxuga essas lágrimas, vai, por favor.

Quer saber, você desceu, desceu, desceu, ficou que nem a sua mãe naquele outro sonho,
toda amputada, mas ainda assim empurrando a jangada que levava você para a terra. A
balsa da medusa.

Mas quer saber? De onde eu te escrevo, Helena é a criança mais meiga, saudável,
carinhosa e inteligente que você já conheceu.

Ela também fez a travessia, coisinha. Você a trouxe para terra firme.

Não é fácil. Não será fácil.

Mas lembra do olhar da Paula Mondersohn-Becker no MoMA? Vai lá na foto que você tirou da legenda da obra e leia, certa vez ela escreveu:

Personal feeling is the main thing.

Esse novo caminho é sobre isso, coisinha. Nossas próprias histórias. Narrativas femininas como forma de empoderamento no teatro.

Eu sei que você ainda acha isso umbiguista. Porque a França colocou isso na sua cabeça.

Mas você vai descobrir que falar de si é se empoderar e inspirar os outros, as outras! Vai ouvir da boca da Michelle Obama, da Conceição Evaristo, da Nitza Tenenblat, da Virgínia Woolf!

Vai lembrar da Angélica Lidell falando que é isso mesmo, a gente conta sempre a mesma história. E qual o problema?

O patriarcado nos fez acreditar que não somos boas demais para dirigir, liderar, escrever. E ele nos faz olhar para a nossa trajetória e achar que não tem nenhum valor.

Você vai tecer uma trama, coisinha.

Trama de drama e de academia.

E está tudo bem, porque nessa viagem você vai estar muito bem acompanhada, e graças às deusas, muito bem orientada.

Você vai abrir novos baús, sabe aquele da sua bisavó, na fazenda, lá no Tocantins? Aquele que disseram que não dava para abrir porque tinha casa de marimbondo dentro?

Você vai lá, mexer nessas casas de marimbondo, ouvir as histórias da boca das mulheres da sua família, ouvir as histórias das bocas silenciadas. Vai ouvir e vai falar.

Vai contar sua história, vai falar de dor, de vasos quebrados, de violência, de feminicídio,

desse lugar invisível que ocupamos na história do nosso teatro. Vai falar de revoluções
necessárias.

Doido né, coisinha? Eu sei que daí onde você está, você não espera que este projeto de
pesquisa dê essa volta toda.

Pois é, a incursão na floresta úmida e densa tirou sua feminista do armário.

Agradeço daqui.

Então, é isso, coisinha, ainda vamos descobrir muita coisa, ainda tem um longo caminho
pela frente.

Você desceu demais, coisinha. Agora começa a subida.

Vai, sobe!

Sobe.

Sobe.

Sobe.

A montanha te espera.

Com todo meu amor,

Ada

AUTORES E AUTORAS

Graça Veloso

Ada Luana Rodrigues de Almeida

Adailson Costa dos Santos

Adriana Ferreira Coelho Lodi

Barbara Duarte Benatti

Belister Rocha Paulino

Danilo Henrique Faria Mota

Débora Cristina Sales da Cruz Vieira

Gabriel Coelho Mendonça

kleber damaso bueno

Liubliana Silva Moreira Siqueira

Luciana Maria Rodrigues Gresta

Maria Oliveira Villar de Queiroz



Este livro foi patrocinado pela Chamada Simplificada 02/2020 de Apoio à produção, revisão, tradução, editoração, confecção e publicação de conteúdos científico-acadêmicos e de divulgação das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

ADA LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA - ADRIANA FERREIRA COELHO LODI - BARBARA

MARIA VILLAR DE QUEIROZ

LUCIANA MARIA RODRIGUES GRESTA

DUARTE BENATTI - BELISTER ROCHA PAULINO - DANILLO HENRIQUE FARIA MOTA

GABRIEL MENDONÇA - KLEBER DAMASO BUENO

DEBORA C



ISBN: 978-65-88507-12-4



CDL

6 9786588507124